

Os méritos da Haskalá

Moacyr Scliar entrevista Arnaldo Niskier

Arnaldo Niskier é doutor em Educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e foi professor de História e Filosofia da Educação desta mesma Universidade entre 1968 e 1995, quando se aposentou. Assumiu vários postos no âmbito acadêmico e na administração pública, tendo sido Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia (de 1968 a 1971) e Secretário de Estado de Educação (de 1979 a 1983), ambos do Rio de Janeiro, e membro do Conselho Federal de Educação (de 1986 a 1992). Foi jornalista e publicou quase uma centena de livros na área de educação (entre eles estão “Educação à Distância: a Tecnologia da Esperança”, “Qualidade do ensino: a grande meta” e “Educação Brasileira: 500 anos de História – 1500 a 2000”) e de literatura infanto-juvenil. Entre os títulos publicados na temática do judaísmo, destacam-se: *Shach – As Lições de um Sábio* (A vida e os ensinamentos de Shabetai Ben Meir Ha-Cohen) (2001); *A sabedoria judaica de A a Z* (2009); *Padre Antônio Vieira e os judeus* (2004) – obra em que escreve sobre os ideais humanistas que permearam a vida e a obra de Antônio Vieira, no Brasil Colônia, sobre a participação ativa do jesuíta no combate aos invasores holandeses, e sua ação junto aos judeus e cristãos-novos que aqui vieram viver; e *Haskalá – O Iluminismo judaico* (2010), no qual traz para os leitores de língua portuguesa informações sobre o movimento que enaltecia valores humanos como a filosofia, religião e arte, surgido na Europa, no século XVIII. Foi o primeiro judeu a entrar para a Academia Brasileira de Letras (cadeira nº 18, em hebraico *Chai*, que significa “vida”), entidade que presidiu nos anos de 1998 e 1999.

A entrevista com Arnaldo Niskier foi realizada por Moacyr Scliar, por e-mail, no mês de agosto de 2010, com a colaboração dos editores da WebMosaica.

Moacyr Scliar: Meu caro Arnaldo, você tem uma longa e frutífera trajetória de pesquisas sobre o judaísmo. Dela resultaram, entre outras, obras como *Sabedoria Judaica*, *Shach – As Lições de um Sábio*, *Padre Antônio Vieira e os Judeus*, *O martírio de Branca Dias*, e agora o belo *Haskalá: o Iluminismo Judaico*. A que você atribui esse interesse?

Arnaldo Niskier: Antes de mais nada, considero-me um bom judeu brasileiro. Traço da casa dos meus pais essa formação, que procurei transmitir, com a minha mulher Ruth, aos filhos e às netas (todos estudaram na Escola Israelita Eliezer Steinberg-Max Nordau). Valorizo muito a coerência religiosa. As obras que você cita, querido Moacyr, brotaram espontaneamente dessa vontade de proclamar à sociedade maior a minha indissociável origem.

Moacyr Scliar: Você acha que o Iluminismo Europeu ainda é um movimento atual?

Arnaldo Niskier: O Iluminismo, como movimento, ainda pode ser considerado

oportuno. Decorridos tantos anos – o movimento Iluminista ocorreu nos séculos XVII e XVIII –, pode-se analisar com mais frieza as consequências da sua implantação em vários países do mundo (França, Inglaterra e até no Brasil). Num ensaio intitulado “Uma resposta à questão: o que é o Iluminismo?” (1784), Kant escreveu que o “iluminismo é a saída do homem do estado de minoridade devido a si mesmo.” Minoridade é a incapacidade de utilizar o próprio intelecto sem a orientação de outro. Essa minoridade será devida ao próprio homem se não for causada por deficiência intelectual mas por falta de decisão e coragem para usar o intelecto como guia. Segundo ele, o lema do Iluminismo deveria ser *Sapere aude!* – Saiba ousar! Ou seja, tenha coragem de usar seu próprio intelecto.

Moacyr Scliar: No que se aproxima a Haskalá do Iluminismo Europeu Ocidental e no que se distancia?

Arnaldo Niskier: Os princípios básicos do pensamento racionalista, que são o cultivo ao intelecto e à razão, sem perda da fé, constituem a gênese da Haskalá, palavra hebraica que vem de *sekhel* (razão). Na verdade, a Haskalá foi uma extensão do Iluminismo Europeu Ocidental, que vigorou no século XVIII. Tendo como preocupação principal a situação política dos judeus e sua relação com a cultura europeia, os *maskilim* (iluministas judeus) procuravam alargar suas perspectivas de integração social, econômica e cultural graças ao que percebiam como a remoção de discriminações legais contra eles. Eles esperavam que a sociedade judaica se mantivesse como uma entidade distinta, embora propusessem sua relativa aculturação à sociedade europeia. Ao mesmo tempo, abriam-se para ideias novas no plano espiritual, tais como o distanciamento do predomínio da orientação rabínica; a aproximação com a literatura filosófica e cien-

tífica judaica medieval; e o estudo crítico do Talmud (escritos das discussões rabínicas sobre a lei, a ética, os costumes e a história do judaísmo), separadamente da Torah (Bíblia Hebraica).

Moacyr Scliar: O que foi exatamente a Haskalá?

Arnaldo Niskier: Com Moisés Mendelssohn (1729-1786), foi possível anotar a existência de um iluminismo judaico, na Europa, com todas as suas características de investigação e de experiência, como forma de conhecimento; a crença nos direitos naturais; a crítica ao absolutismo e aos privilégios da nobreza e do clero, além da defesa da liberdade política e econômica e da igualdade de todos perante a lei. De acordo com Mendelssohn, “quando a iluminação e a cultura caminham no mesmo passo, elas são juntas o melhor meio de defesa contra a corrupção. Arruinar uma delas é entrar em conflito direto com a outra. Portanto, a educação de uma nação, que, considerando a definição anterior das palavras, se compõe de cultura e iluminação, estará menos sujeita à corrupção.”

Mendelssohn foi um pioneiro, na Alemanha, e recebeu muitas críticas: “ele queria matar o iídiche”, “foi responsável por uma grande onda de assimilação”, “instigou a apostasia” (abandono da religião), etc. O Iluminismo judaico, em Berlim, centrou-se principalmente em três pontos: a primazia da razão, a fidelidade à ideia de uma confraria humana e a vontade de trazer o povo judeu para o mundo real. Neste sentido, um dos pontos de discussão entre os iluministas judeus era o abandono da língua iídiche. Os alemães queixavam-se de que os judeus enganavam os *goyim* (não-judeus) ao usar o iídiche em transações comerciais. O próprio Mendelssohn criticava o iídiche como *ridículo, atentatório à gramática e uma causa de corrupção moral*. Alguns reformistas exigiram a proibição do iídiche nas escolas judaicas, enquanto outros

recomendavam que os judeus evitassem o uso do ídiche ou do hebraico em seus contratos contábeis ou comerciais. Com a tradução do Pentateuco para o alemão, Mendelssohn aproximou os judeus mais cultos da língua alemã e da cultura moderna. No entanto, “tendo em mira transformar os judeus em alemães, o movimento teve como resultado a revivescência da língua hebraica, convertendo-a em idioma de cultura e de literatura seculares” (Isaías Raffalovith, Coleção Judaísmo).

Moacyr Scliar: No que se fundamentou o pensamento religioso judaico e o que legou para humanidade?

Arnaldo Niskier: Os judeus deixaram um imenso acervo de moral e de história que perdura por muitos séculos, tendo sido herdado pelo cristianismo. Destaco como pontos mais importantes: 1. Uma história sagrada que começa com a criação, conduzindo a uma consumação no futuro e justificativa da conduta de Deus com o homem; 2. A existência de um pequeno setor do gênero humano a quem Deus ama particularmente. Para os judeus, este setor era o Povo escolhido. 3. A filantropia prática, como concepção de virtude; 4. A lei – o decálogo; 5. O Messias – os judeus acreditavam que o Messias lhes traria prosperidade temporal e vitória sobre seus inimigos na Terra. 6. O Reino do céu. O conceito do outro mundo é uma concepção vinda do platonismo grego. O outro mundo não é metafisicamente diferente deste mundo, mas colocado no futuro, quando o virtuoso gozará de eterna bem-aventurança e o mau sofrerá eterno tormento.

Moacyr Scliar: Spinoza pode ser considerado um Iluminista judeu?

Arnaldo Niskier: Baruch Spinoza (1632-1677) foi um precursor dos iluministas do século XVIII, por sua defesa da razão para o conhecimento da

realidade, em detrimento da fé, do misticismo e da revelação religiosa. Spinoza escreveu sobre religião, de uma forma que desagradava igualmente a judeus e a cristãos. São suas palavras: “Não há senão um Deus e Deus é tudo. O homem não é livre, ele está inteiramente nas mãos de Deus como argila nas mãos do oleiro. Devemos amar a Deus sem consideração pelo bem que pode nos fazer e pelas penas que pode nos infligir, por que amar a Deus por amor do Deus benfeitor ou temor do Deus que castiga não é amar a Deus, é amar a nós mesmos.”

Moacyr Scliar: Como você vê a cultura judaica hoje?

Arnaldo Niskier: Sinto o judaísmo cada vez mais forte, não só porque somos 16 milhões de indivíduos identificados com a fé mosaica, mas também porque a existência do Estado de Israel assegura a perenidade da nossa religião. O ídiche, que aprendi no convívio diário com os meus pais, tem o respeito das novas gerações, pela existência de preciosos tesouros literários na língua de Isaac Bashevis Singer. Há muitos cursos que são realizados, dentro e fora de Israel, para eternizar os seus conceitos. Peças teatrais como *Fiddler on the roof* e *Dibuk* valorizam a cultura ídiche, além das obras imortais de autores como Sholem Aleichem. Vou-lhe dizer uma aparente heresia: com a existência da Internet, aí mesmo é que o ídiche sobreviverá.

Moacyr Scliar: Como você vê as relações entre Israel e a Diáspora?

Arnaldo Niskier: Israel e o judaísmo da Diáspora são interdependentes. Um não pode existir sem o outro. Vocês já imaginaram se nós separássemos, espiritualmente, o Estado de Israel dos oito milhões de judeus que vivem fora do seu território? Nem há motivo para que se cogite disso, pois,

com muito orgulho, somos um só povo. Quem pensa diferente comete lamentável equívoco.

Moacyr Scliar: Que papel efetivo teve o pensamento iluminista judaico na vida da *diáspora* judaica e, especificamente, na sua juventude?

Arnaldo Niskier: As ideias da Haskalá incentivaram a emancipação da juventude, que procurava distanciar-se do judaísmo ortodoxo e das *yeshivot*. Um número cada vez maior deles passou a frequentar as universidades estatais e a usar a língua russa no lugar do iídiche. A assimilação tomava, então, proporções assustadoras. Os judeus lutavam e obtinham o reconhecimento de seus direitos civis e de sua integração social. Saíram dos guetos (alguns optaram por permanecer) e em grandes números decidiram assumir a sua participação nas lutas sociais e nacionais de suas pátrias: tornaram-se cidadãos franceses ou alemães de fé mosaica. Seguíam com suas crenças milenares em casa

e/ou na sinagoga, mas assumiam a plenitude dos deveres e dos direitos de cidadania, nos países que habitavam. Tornavam-se parte da nação, assumiram ideais burgueses e liberais. Eram parte integral do nacionalismo europeu do século XIX. Podiam votar, serviam nos exércitos e alguns participavam de partidos e até se elegeram aos parlamentos de países da Europa ocidental, na segunda metade do século XIX. A partir de tudo isso, a máxima era: “Seja judeu em casa e alemão na rua”.

Muitos dos discípulos Haskalá, os *maskilim*, iniciaram um processo de modernização do judaísmo. Escolas foram fundadas, oferecendo uma visão mais ampla do judaísmo. O renascimento do hebraico bíblico foi incentivado, mas mesmo não resultando, foi estímulo para uma posterior tentativa dos iluministas judeus russos no séc. XIX, que culminou com renascimento do hebraico através de Eliezer ben Iehuda, na virada do séc. XIX para o XX, em Israel.